

COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA: movimentos concêntricos no diálogo entre as áreas e seus reflexos na e para a escola¹

Sérgio Dorenski
Augusto Cesar Rios Leiro

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa apresenta elementos significativos que ratificam a importância de relacionar a Educação Física e a Mídia na formação dos alunos da educação básica em nosso país, principalmente, na escola pública na qual as experiências neste campo ainda são raras.

Obviamente que estamos em um momento histórico diferenciado no tocante ao avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), bem como, das transmissões da mídia em escala global e em tempo real, o que significa uma mudança na relação de espaço e tempo nunca antes vivenciada pela humanidade, o que garante uma ampliação dos domínios da mídia e principalmente daqueles que detêm o poder sobre estes meios.

Outro aspecto importante do momento atual refere-se à mediação da comunicação entre as pessoas, o que implica em mudanças nas práticas socioculturais. Observamos o crescimento vertiginoso dos aparelhos celulares com suas múltiplas funções e assim, eles propiciam a captura de imagens, a edição e a publicização, em tempo real, para todos os lugares ao mesmo tempo e com as redes sociais e aplicativos que inovam a cada ano, estas operações ganham caráter universal. Mas, até que ponto estas mudanças estão afetando a formação das pessoas na sociedade e em especial, no ambiente escolar? Será que estamos vivendo numa época cercada pelas TICs que findam oprimindo a nossa maneira de ser e agir?

Percebemos que estas mudanças no campo das TICs têm provocado perspectivas e possibilidades significativas no processo formativo dos jovens de maneira geral. Isto significa dizer também, que eles (os jovens) estão imersos numa plataforma multifacetada no tocante às tecnologias. Contraditoriamente percebemos que - mesmo imersos e, portanto, construindo um olhar para a mídia e tecnologias - ainda são raros os trabalhos que estabelecem uma cumplidade entre pesquisadores/Universidade e sujeitos/Escola dando um caráter formativo e autônomo para a emancipação.

Neste sentido, o objetivo deste texto é apresentar uma análise - recorte significativo - de uma experiência em mídia-educação que foi realizada com alunos de uma escola pública no interior do Estado de Sergipe². Nesta pesquisa estava em jogo a superação de modelos que trazem uma raiz positivista, da

-
- 1 Resumo da Tese de Doutorado, defendida em dezembro de 2013, no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia (PPGE/UFBA), realizada sob orientação do professor Augusto Cesar Rios Leiro.
 - 2 Esta pesquisa deu-se numa escola pública da região Nordeste do Brasil e o período de imersão ao campo foi de março de 2012 a março de 2013, cujo objetivo foi *analisar o processo de Mídia-Educação na Educação Básica a partir da Educação Física na Escola*.

verdade absoluta e, principalmente, de modelos de pesquisa que tratam os atores sociais (sujeitos) como objetos. Ainda, o elemento tensionado e provocador foi o poder conservador advindo dos meios de comunicação o que instigou uma perspectiva em que o sujeito - histórico - e o conhecimento apreendido estivessem imbricados na formação humana.

Assim, ratificamos a importância de um estudo dessa natureza, pois, mesmo com a criação de fóruns de debates na Educação Física como: Eventos Científicos; Grupo de Trabalhos Temático (GTT); Disciplinas Curriculares nos Cursos de Graduação e Pós-graduação entre outros, ainda são raras as iniciativas de pesquisas que estimulem ações para reflexão crítica e para a formação entre professores e alunos, tendo em vista a indissociável relação entre a Educação Física, as Tecnologias e a Mídia.

Outro aspecto que ratifica a relevância deste estudo é pela carência de políticas públicas para inserção das Tecnologias de Informação e Comunicação e da Mídia na escola. Apesar de encontrarmos na escola sala de informática com computadores; equipamentos de filmagem e fotográficos; projetos como UCA (um computador por aluno) entre outros, não há uma ação efetiva que coloque o professor (Educação Física) na linha de frente com essas tecnologias o que torna, a cada dia, esses equipamentos obsoletos e em desuso. Esta situação é reforçada pelas dificuldades do Professor - Educação Física - em lidar com as tecnologias, mas, que em contrapartida, quando há experiências efetivas e compromissadas com a formação, apontam para o potencial criativo de alunos, professores.

Além disso, lidamos também com o esporte no âmbito escolar, seja em sua pedagogização, seja em suas diversas práticas (modalidades) o que exige, inevitavelmente, um olhar crítico e reflexivo devido a sua estreita relação com os meios de comunicação, principalmente, a televisão - telespetáculo (BETTI, 1998). Portanto, um desafio que é ao mesmo tempo estimulante, pois, não deixamos negá-lo e problematizador para a reflexão crítica.

Portanto, dividimos este texto em quatro momentos. Primeiro explicitando a relação metodológica com o campo empírico da Pesquisa Formação; Segundo, o sentido da Formação como categoria fundante para a autonomia e o esclarecimento; Terceiro, os protagonistas - alunos - que ratificam nossa presença no campo; Por fim, as considerações finais em que apontamos as lacunas e sugestões da pesquisa.

A PESQUISA-FORMAÇÃO COMO PERSPECTIVA PARA AUTO-REFLEXÃO CRÍTICA

Construímos nosso entendimento sobre o campo a partir da aproximação e, sobretudo, valorizando as experiências dos sujeitos para que pudéssemos descrever e interpretar (observar, registrar, analisar) de modo denso³. Isto garantiu a essência qualitativa da pesquisa, entendendo a complexidade do objeto (social). Sob este aspecto, valorizamos as construções humanas a partir de abordagens capazes de ler seus significados - sujeitos - sociais, sua história e valores culturais. O sentido qualitativo, portanto, mantém esta aproximação e o imbricamento entre o conhecimento, as condições históricas e os sujeitos/pesquisadores (MINAYO, 2007).

3 Ver Clifford Geertz (1989).



Outro aspecto importante foi estabelecer um contato direto com o campo. Com isto, as sínteses passaram a ter um significado mais fidedigno, pois, houve uma imersão do pesquisador, para ler e interpretar a realidade investigada. A cumplicidade - na relação indissociável entre sujeito e objeto - com o campo de pesquisa foi fundamental para compreendermos os valores culturais, as apresentações de determinado grupo, bem como, as relações que se dão entre os sujeitos sociais, tanto no âmbito da instituição escolar quanto fora dela, enfim, do próprio dinamismo da vida (MINAYO, 2007).

Compreendemos que a formação cultural - numa perspectiva esclarecedora - nesta sociedade, está coagida a sua própria regressão, pela dominação econômica no perverso jogo do capitalismo. Parece-nos que a utopia de uma sociedade livre é cada vez mais difícil, o que torna este sonho frustrante. Adorno e Horkheimer (1985) chegam a afirmar que numa sociedade controlada pela mercadoria não há chances para a emancipação.

Um conceito imbricado à formação é a autonomia. Na sociologia, na educação, entre outros campos, encontramos diversos sentidos. Da sua origem - etimológica - derivada do grego *auto* (por si) *nomia* (governo), que significa independência, direito de auto dirigir-se. Encontramos também o sentido político, ou seja, diz respeito à capacidade da estrutura social de autogovernar-se, indo até a faculdade que tem (especificamente) uma pessoa se autorregular através de seus próprios princípios.

Compreendemos que o exercício da formação/autonomia, na história da humanidade e na atualidade, fora tolhido. Seja pelo poder coercitivo da força de uma classe sobre outra, seja pelo poder simbólico (BOURDIEU, 2002; THOMPSON, 1998) de uma dominação ideológica. Neste aspecto, buscamos superar a dominação posta, em específico, de um modelo de comunicação arraigado aos valores dominantes. Com isto, estabelecemos possibilidades e oportunidades para a construção do conhecimento numa relação processual de formação em que todos estiveram imersos na construção. Foi assim que organizamos o trabalho pedagógico numa sistematização em que, necessariamente, não ferimos a dialética do processo, proporcionando o aprendizado dos conteúdos e a tomada de consciência (FREIRE, 1978).

Consideramos a formação enquanto uma potência experiencial e a aprendizagem enquanto uma ação reflexiva. A Formação neste aspecto é um objeto movente, ou seja, apreendido e entendido em seus processos, dinâmicas e contradições e que vislumbra uma educação pelo contato, pelas relações. Para Macedo (2011, p.109),

[...] a formação nos cenários das organizações educacionais se realiza de forma importante [...] conteúdo e forma, pensamento e outras práticas, instituído e instituinte são concebidos e refletidos de maneira não apartada, relacional, portanto, com todas as contradições, opacidades, ambivalências e paradoxos que as práticas humanas constituem e expressam.

Ai está o cerne da pesquisa, ou seja, o envolvimento é o da aprendizagem em que todos participam do processo e que se materializa como pesquisa-formação, com características academicamente rigorosas e capazes de instituir mudanças nas práticas, bem como nos sujeitos em formação (SANTOS, 2005). Nóvoa (2004, p. 15) afirma que “a pessoa é, simultaneamente, objeto e sujeito

da formação”, o que nos faz ir tecendo as redes de relações que envolvem a permanência no ambiente escolar.

A formação, nesta perspectiva estabeleceu um movimento contínuo e processual no campo (escola) em que suas dinâmicas e o seu devir materializaram a própria dialética em suas contradições. Macedo (2011, p. 111-112) estabelece relações indissociáveis entre o conceito de formação e o processo de pesquisa, no campo educacional e fora dele, quando pensa nos sujeitos, assim:

A formação não se ajusta à fabricação, à previsão que se quer perfeita, à reversibilidade e ao controle de produtos finais [...]. A formação é um assunto do âmbito dos atos de sujeitos humanos, portanto, é do âmbito também do imprevisto e do inusitado.

A pesquisa-formação desenvolvida nesta investigação entrelaçou-se com os pressupostos da pesquisa-ação, pois, fomos tocados pela compreensão de que “o processo de pesquisa deve se tornar um processo de aprendizagem para todos os participantes e a separação entre sujeito e objeto de pesquisa deve ser superada” (ENGEL, 2000, p. 184).

Com isto posto, observamos que a participação coletiva e a implicação com o processo foram essenciais para que se consolidasse a pesquisa-formação, ou seja, foi necessário o envolvimento multidimensional na experiência o que foi consolidado com a cumplicidade do pesquisador que compreendeu ser parte importante da formação dos outros e de si mesmo.

Portanto, o caráter qualitativo entrelaçou-se com a perspectiva da pesquisa - formação - que foi movido pelo conjunto das reflexões desenvolvidas e que elegeu a escola como campo empírico e como lócus privilegiado da pesquisa.

IMERSÃO NO CAMPO DE PESQUISA PARA A FORMAÇÃO: uma aposta nos jovens alunos!

Nossa experiência tematiza a mídia-educação, na perspectiva da pesquisa-formação e relata caminhos teórico-metodológicos que envolvem o Colégio Estadual Murilo Braga (CEMB), na cidade de Itabaiana, no Estado de Sergipe.

Estamos convictos, nesta experiência, de que o conhecimento emergiu das relações empíricas e conceituais, mas, sobretudo, da realidade e dos “sujeitos de diálogos”, reconhecidos aqui nos jovens do CEMB, que protagonizaram esta história. Sujeitos esses que apresentam múltiplas possibilidades de estudos inseridos em sua cultura, principalmente nos tempos atuais, com o uso das TICs. “A juventude é tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma fase de vida” (PAIS, 2003, p. 29).

Corroborando com este pensamento, Leiro (2004) explicita que refletir sobre a juventude, enquanto sujeito, requer compreendê-la no plural na medida em que estamos diante de distintas juventudes. Por este entendimento que nossa abordagem foi multifacetada, o que gerou outras problematizações. Percorremos trilhas e caminhos com destaque para o estímulo à curiosidade escolar e ao diálogo teórico com o campo da comunicação.

Fomos movidos também por experienciar, numa relação mútua com os jovens, uma construção no campo da mídia, seja na produção de vídeo, seja na criação de um jornal, seja na reflexão crítica acerca do esporte, elementos que dão suporte à formação, à mídia-educação.



Esta investigação apostou no potencial criativo dos alunos, a partir de um percurso dialógico, o que consolida os estudos sobre escola, juventude e a mídia. Isto pode ser evidenciado na participação ativa desses sujeitos ao encarar a mídia como uma construção coletiva e que reflete também a vida escolar, a Educação Física, inseparáveis das contradições da sociedade em que vivem ou do seu segmento social.

Compartilhamos o pensamento de Leiro (2004) em que pensar a juventude significa pensar o Brasil a partir da sua cotidianidade e realidades.

Uma construção social em educação, à altura do nosso tempo, precisa se indignar com a concentração de renda e terra, com o abismo crescente entre o Brasil social e o Brasil econômico. É preciso considerar a dinâmica social e a necessidade de formulação de novas problemáticas de pesquisa, a partir do mundo real, do mundo dos acontecimentos. (LEIRO, 2004, p. 65)

Neste aspecto, o caminho investigativo desta pesquisa esboçou as contradições de nossa realidade como algo instigante para reflexão crítica, principalmente sendo no Nordeste do país e, em especial, numa cidade interiorana que foi palco das possibilidades da formação humana dos jovens escolares e todos nós envolvidos com o processo.

Todo este mundo histórico-cultural, produto da práxis humana, se volta sobre o homem, condicionando-o. Criado por ele, o homem não pode, sem dúvida, fugir dele. Não pode fugir do condicionamento de sua própria produção. [...], não há estabilidade da estabilidade, nem mudança da mudança, mas estabilidade e mudança de algo [...] Esta é a razão pela qual não há mundo humano isento de contradição. (FREIRE, 1981, p. 45)

Consideramos, a partir deste contexto, o processo metodológico como um canal de aproximação para/com as juventudes e assim, consideramos os atores sociais da pesquisa - sujeitos de diálogo⁴ - compreendidos a partir de um olhar sociologicamente livre na qual “a realidade social se insinua, conjectura, indicia” (PAIS, 2002, p. 34).

Partindo para o campo de pesquisa defrontamos com a realidade educacional numa cidade interiorana do Nordeste brasileiro. Trata-se de Itabaiana, no interior de Sergipe em que no tocante à escola pública, não muito diferente do contexto brasileiro/nordestino, sofre com as precárias condições de trabalho, mas, na contramão da contradição, é responsável pela formação cultural e intelectual de milhares de jovens de diversas regiões para além de seu limite geográfico.

Com isto, nossa imersão diretamente ao campo de pesquisa foi no Colégio Estadual Murilo Braga (CEMB)⁵ na cidade de Itabaiana/SE. Uma escola que, historicamente, marca a política educacional no interior do Estado garantindo a formação dos jovens. Ainda, é a maior escola pública (Estadual) da

4 De acordo com Elsa Lechner (LEIRO, 2004).

5 O nome do Colégio é uma homenagem ao advogado, político, professor e educador de renome nacional, “Murilo Braga do MEC”, como era conhecido e que foi Diretor do Inep - Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos.

cidade com mais de 1.800 (mil e oitocentos) alunos, além de uma estrutura que inclui laboratório, sala de informática, quadra poliesportiva, ginásio de esportes, biblioteca etc.

A aproximação com os sujeitos iniciou-se com a turma “A” do 9º ano, turno vespertino, composta por 29 alunos e no horário destinado às aulas de Educação Física. Neste sentido, a captura dos dados contou com três procedimentos: o uso do questionário para voluntários (no início do processo); a apresentação de filmes e produção midiática (jornal impresso e vídeos – realizados pelos alunos), seguidos de rodas de conversas que eram registradas no Diário de Campo (DC); por fim, as Entrevistas (semiestruturadas) realizadas após o período de intervenção no campo. Estes procedimentos – indissociáveis entre si – capturaram a realidade do campo empírico e estabeleceram a aproximação com objeto de pesquisa de forma mais fidedigna.

Os primeiros dados empíricos foram fruto de seis questões (sexo; idade; tem acesso a algum meio de comunicação; o que significa mídia; de que maneira se comunica com as pessoas; como fica sabendo das notícias), de caráter simples, cujo objetivo maior era diagnosticar a realidade da turma no tocante à utilização e ao acesso aos meios. Estas questões revelaram – de imediato – para a pesquisa uma oscilação entre as idades dos alunos (entre 13 e 18 anos). Este dado gerou um susto inicial, pois, tínhamos afetar o aprendizado geral, mas, que não fora consumado e garantiu, no decorrer do processo, uma interação entre os alunos, professores e, principalmente, na construção e produção da mídia.

Outro aspecto revelador – em relação ao questionário inicial – foi o entendimento dos alunos acerca da mídia. Apesar de estarem imersos no universo das TICs (seja com seus celulares, em rede social etc.) não reconheciam o sentido da palavra. Além deste aspecto, eles não se reconheciam na produção midiática, ou seja, não sabiam que estavam produzindo mídia ao escrever, fotografar, produzir vídeos entre outras produções. Assim, alguns responderam:

- “coisas bem interessantes”;
- “viver na atualidade”;
- “pessoas que trabalham no meio artístico...”;
- “significa muito importante para as pessoas”.

Encontramos também, em contrapartida, alguns alunos que elaboraram uma síntese mais aprofundada do entendimento de mídia (conforme abaixo). Isto ratificou a importância de estarmos no campo de pesquisa e ampliou nossa responsabilidade em estabelecer um diálogo com os alunos de modo a provocar uma auto reflexão crítica no sentido da elaboração de um entendimento acerca da mídia.

- “É o conjunto de meios de comunicação que envolve jornais, TV, revistas, internet...etc.”;
- “Mídia significa algo que passamos nos interagem com alguém, como por exemplo, celulares, internet, televisões, rádios etc.”

Corroborando com este quadro dispare, percebemos que o acesso à internet no ambiente escolar encontra uma barreira difícil de ser transpassada, seja pela falta de profissionais responsáveis no espaço destinados aos computadores (sala de informática), seja por uma política de acesso mais livre para



os alunos tornando este espaço mais democrático. Com isso, o que se vê é um afastamento dos alunos no que poderia ser uma relação mais esclarecida com o computador e as redes de comunicação. Portanto, a adoção do questionário, em primeira instância, garantiu uma reflexão da face figurativa e da significação no que se refere à mídia. Esta ação permitiu criarmos outras estratégias de aproximação com os sujeitos e a temática mídia.

Assim, assistimos a um filme – o desenho animado – dos *Simpsons*, episódio “Tarado Homer”. Neste, Homer é acusado de assédio sexual pela Babá de seus filhos. O motivo foi um chiclete – Vênus de Milo – avaliado em mais de seis mil dólares, que Homer roubou de uma feira de doces e que ficou preso na calça da babá. O ato de pegar o chiclete aparentou assédio pela Babá, pois o chiclete estava grudado na parte de trás da calça na região das nádegas. Homer tenta provar sua inocência, uma vez que o caso ganhou repercussão nacional e toda mídia o incriminava. Sua inocência é provada após um zelador – Willie – que tinha como vício fazer filmes escondidos e, neste caso, filmou o momento exato em que Homer pega somente o chiclete, inocentando-o.

Neste sentido – com roda de conversa como estratégia de aproximação e discussão – demos o pontapé inicial inserindo o papel da mídia, seu significado, sua força (poder) no cotidiano das pessoas e como ela está em toda parte. O legado desta roda de discussão foi que refletimos sobre a possibilidade de construirmos nossos próprios conteúdos midiáticos. Para Mélo et al (2007, p. 30)

A Roda de Conversa é um recurso que possibilita um maior intercâmbio de informações, possibilitando fluidez de discursos e de negociações diversas entre pesquisadores e participantes. Inicia-se com a exposição de um tema pelo pesquisador a um grupo (selecionado de acordo com os objetivos da pesquisa) e, a partir disso, as pessoas apresentam suas elaborações sobre ele, sendo que cada uma instiga outra a falar, argumentando e contra-argumentando entre si, posicionando-se e ouvindo o posicionamento do outro.

Assim, os alunos começaram sua aventura na produção da mídia que foram materializadas na produção de dois vídeos e de um jornal impresso. Destacamos neste processo que um grupo especial ficou responsável pela produção do vídeo, edição e também pela criação do jornal. Este grupo fora denominado de *Matrix* cujo nome também fora dado ao jornal⁶.

Os *Matrix's* expuseram suas dúvidas e [...] a ideia de fazermos um modelo do jornal em papel e lápis (boneca). Ficamos satisfeitos com isso e dissemos que [...] o primeiro passo era rascunhar para as ideias irem germinando. Para o nome do jornal surgiram três opções: *Matrix*, O Espaço CEMB e Educação Física e Renascença e foi eleito o *Matrix*. Depois, surgiu a estrutura do Jornal que foi: Cabeçalho com o nome, número, mês etc.; Histórico do Jornal; Corpo editorial – Quem somos; Reflexão; Seções Diversos. (DC em 01/10/2012)

6 Foram elaboradas três edições em 2012 e duas em 2013. Isto, pelo fato do calendário escolar sofrer alterações em virtude da greve dos professores da rede estadual. O processo de análise crítica, utilização e produção da mídia, nesta experiência, coadunam-se com a perspectiva de mídia-educação e sua relação com a *Formação* (alunos, professores, pesquisadores). Aqui, fizemos referência à Fantin, (2006); Souza et al., (2009); Macedo, (2010); Freire (1978; 2011; 2011a) entre outros.

Do final do século XVIII e início do século XIX até os dias de hoje presenciávamos o domínio que a instituição esportiva exerceu e exerce sobre as pessoas e com isso, materializando seu poder hegemônico na sociedade moderna⁷. Em sintonia com esta instituição (esporte) está a instituição midiática que amplia o conteúdo simbólico (THOMPSON, 1998) que é produzido na relação esporte e mídia. Ou melhor, cria-se um campo fecundo para o fetiche e, em especial, o provocado pelo espetáculo esportivo. Pensando no caráter contra hegemônico, os alunos passaram a observar o esporte pelas lentes da mídia e com isso, essa estratégia proporcionou estabelecer uma crítica em relação a este bem cultural do movimento humano. A narrativa - reflexão crítica - elaborada pelos alunos substanciou as primeiras matérias para criação de um jornal impresso.

A produção do jornal suscitou a reflexão crítica no sentido de criar um senso de responsabilidade ao expor as matérias e opiniões nesta mídia. Neste aspecto, foi fundamental a roda de conversa com os alunos, responsáveis pela editoração, para uma tomada de consciência e respeitar a autoria de outrem e, principalmente, para que eles expusessem suas ideias em diálogo com os autores pesquisados. Portanto, o processo formativo foi se consolidando não só na compreensão do que vinha a ser mídia, mas, sobretudo, nas relações que estavam imbricadas em ler, escrever, produzir (compreendendo) a mídia.



Foto: Grupo Matrix em Roda de Conversa. Foto escurecida intencionalmente.

A experiência com os equipamentos midiáticos (câmeras - de filmar e fotográfica) também provocou uma mudança de olhar e instigou os alunos a produzirem sua própria mídia. A princípio esta iniciativa ficou sob a responsabilidade do Grupo *Matrix* que iam se apropriando dos equipamentos e compartilhando o aprendizado com os outros alunos da turma. Com esta estratégia envolvemos uns aos outros do grupo e os demais numa perspectiva de multiplicadores (FREIRE, 1978).

7 Destacamos o trabalho do professor Valter Bracht em “Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução” em que o caráter instituição do esporte, a partir das características da sociedade industrial moderna, são evidenciados.



No processo de descoberta dos equipamentos e do aprendizado da captura de imagens, os alunos se questionaram o que filmar. Isto gerou um fato importante para nossas reflexões e discussões na roda de conversa, o que fez gestar a compreensão de que seria um **roteiro** (grifo nosso) para filmagem. Com isto, os alunos elaboraram o primeiro roteiro a partir da própria aula de Educação Física que foi composto de:

[...] Pegar a quadra vazia; depois os alunos entrando; a aula em si e por fim, depoimentos de professores. Ficamos contentes com a construção e assim, eles partiram para suas capturas. (DC em 26/07/2012)

A tomada de consciência ao lidar com os equipamentos, descobrir seus segredos, elaborar roteiro - que implicou numa forma como eles observavam ao seu redor e como queriam que os outros observassem - deu autonomia ao Grupo para caminhar sozinho e gerar outras produções como a construção de um segundo roteiro que apontava para as contradições da própria realidade escolar no tocante ao espaço físico do Colégio:

O Espaço do CEMB - **Roteiro**: Filmar a entrada do Colégio; Falar sobre o Murilo; Filmar as salas, corredores, professores, banheiros, biblioteca, sala de professores, sala de computação; refeitório; o Miltão; meios de entrada; cada um fala um pouco sobre o assunto; entrevistar a mulher da biblioteca, entrevistar o Presidente o Grêmio, entrevistar o Diretor (Eder); Terminar com o professor [...] dando entrevista sobre o que achou da filmagem [...]. (DC em 09/08/2012)

Este processo que culminou com a criação de vídeos não só germinou uma produção midiática, mas, sobretudo, o princípio formativo esteve em evidência. Os alunos se envolveram na construção, elaboraram (criativamente) um roteiro, discutiram e repensaram suas produções, olharam para a Educação Física e também para sua realidade escolar com uma perspectiva crítica, apreenderam a realidade com a sutileza de redefinir o olhar com o segredo da decupagem e da edição, por fim, protagonizaram este enredo com a apresentação dos vídeos aos demais alunos da turma que ficaram espantados com o que viram. Enfim, foi um ciclo que cumpriu na *práxis* o aprendizado.

O espanto dos demais alunos ao verem-se nas imagens nas aulas de Educação Física - jogando, dando dribles, fazendo gols entre outros - contribuiu para uma aproximação maior do Grupo com os demais alunos da turma e, principalmente, para com a cultura midiática que estava sendo pautado nesses dias letivos o que intensificou o processo de aprendizagem com a mídia e as tecnologias uma vez que o interesse pela temática aumentou e assim, a materialização do jornal impresso ganhou força.

Neste aspecto, ratificamos a construção do jornal com matérias escritas pelos alunos da turma, pois, eles agora se viram como autores/atores e, portanto, não sendo mais algo estranho na sua acepção da mídia. Aliado a isto, os editores - Grupo *Matrix* - passaram a exercer o compromisso de uma produção responsável algo que transcendem o aspecto instrumental. Eles passaram a escrever e se expressarem com as linguagens da mídia, como esclarece (FANTIN, 2006).

Observamos que o encontro entre os pesquisadores/professores e os alunos foi marcado por distanciamentos e aproximações e, principalmente,

percebemos que os alunos não acreditavam no potencial que eles tinham na construção e produção da mídia. No entanto, após as etapas de apropriação, reflexão crítica e produção da mídia que eles deram conta que eram capazes da criação. Este aspecto foi importante, pois, materializou a dimensão formativa que implicou em mudanças significativas para todos os envolvidos ao processo e ficará registrado para sempre na memória dos sujeitos envolvidos, como expõem o Professor de Educação Física (PEF) do CEMB e também um dos alunos (Ulisses) do Grupo *Matrix*:

[...]. Aprendi muito, pois, como já havia falado, não tinha experiência com a mídia. Minha formação nem de longe fazia isto. Às vezes, fazíamos uma crítica sobre um programa, sobre o esporte [...], mas, aqui eu aprendi fazendo [...] e vi que é possível, foi muito bom e com certeza, continuarei o trabalho. (PEF em 21/02/2013)

Para que o pessoal que fez não desistisse, que as meninas continuassem com o jornal porque foi uma experiência muito legal que a gente nunca tinha feito isso aqui assim e o professor veio e conseguiu fazer. (ULISSES em 02/05/2013)

Após um período em que evidenciou o processo formativo em mídia-educação destacando-se suas três dimensões: COM a mídia, a exibição de filmes, vídeos e, principalmente, o debate estabelecido com os alunos nas rodas de conversa para uma tomada de consciência; PARA a mídia, quando levantamos a crítica em relação à própria mídia, a crítica a nossa realidade escolar e finalmente, ATRAVÉS da mídia, em que os alunos produziram e criaram sua mídia o que “diz respeito, sobretudo, à habilidade de produção na escola, onde a educação acontece por meio do trabalho que organizamos e propomos às crianças e jovens em sala de aula” (RIVOLTELLA, 2012, p. 23).

Quando estabelecemos relações formativas envolvendo a mídia, as TICs e na cumplicidade com o campo de pesquisa e com os atores sociais, o processo se completa e flui em dimensões diversas e possíveis. Estas dimensões estão num plano formativo em que cada uma compõe o todo. Não estão fragmentadas, mas, sim, em cada momento, a cada tomada de consciência a formação acontece. Acontece com a experiência do sujeito e suas relações com os outros e consigo mesmo. Não acontece num isolamento como diz o professor Roberto Sidney Macedo:

Ninguém aprende isolado numa bolha ou num tubo de ensaio [...]. A formação se realiza num laboratório a céu aberto [...], as circunstâncias fazem parte do próprio ato de avaliar, porque a aprendizagem reflete essa realidade, por isso, as circunstâncias precisam ser conhecidas e interpretadas para compor a compreensão do fenômeno observado. (MACEDO, 2011, p. 118)

PALAVRAS (IN) CONCLUSIVAS

Esta pesquisa demonstrou que as interações que envolvem a Mídia/TICs, a Escola e a Educação Física precisam constituir-se como partes fundantes para formação dos alunos no momento atual da sociedade, sob pena de estarmos (enquanto professores) negligenciando seu acesso de modo crítico e esclarecedor.



Nos momentos impactantes do processo de imersão (aplicação de questionário, aproximação com os equipamentos e produção midiática com os sujeitos) mostraram que a realidade escolar pública ainda está longe de um ideal esclarecedor, mas, ainda é o *locus* fundamental para um processo formativo.

Desde a reflexão crítica sobre o esporte, por exemplo, até o uso de equipamentos de filmagem pelas redondezas da escola – apesar de causarem uma inibição inicial – foram problematizadoras para a autonomia; estimularam a participação coletiva; estabeleceram relações de aprendizado entre si e, principalmente, o compartilhamento do conhecimento apreendido foi socializado.

Ao produzirem vídeos, ler e interpretar as notícias da mídia e produzirem o jornal, os alunos passaram de meros espectadores para protagonistas/atores da história. Não foi somente um ato contínuo de como fazer, mas, um processo de reflexão crítica de poder fazer. Assim, ao refletirem sobre como filmar; sobre o que filmar; sobre como elaborar um roteiro; sobre como realizar uma decupagem para editar; como inserir música, sons entre outros eles não só construíram sua própria mídia, mas, este contexto implicou também numa mudança de olhar para as mensagens da mídia – que nos bombardeiam todos os dias – e, conseqüentemente, numa mudança de olhar para os processos ideológicos que estão presentes nestas mensagens o que aponta para uma perspectiva esclarecida por parte dos alunos.

Estivemos envolvidos num lugar propício e rico para a formação acontecer: a escola. Sabemos que os alunos chegam carregados de informações, bem como, de aprendizados que, muitas vezes, não são tematizados neste ambiente como a própria mídia. Na outra extremidade desse encontro, a Educação Física. Esta, não só por ela, mas, principalmente, pela mídia finda reproduzindo e reforçando alguns conteúdos hegemônicos que a reduz a prática do esporte e, muitas vezes, ações como as desta pesquisa são inibidas pelo preconceito e o temor do desconhecido. Por esta razão procuramos fazer/acontecer alguma coisa (formação) nas aulas, dando densidade à experiência, despertando entusiasmo e a vontade de aprender. (SIBILIA, 2012)

Portanto, este caráter foi inegociável e esteve presente em todo momento para que garantíssemos o exercício para cidadania. Não se trata de um discurso retórico, mas, sobretudo, um princípio que envolveu nossa formação e no qual garantimos a fala, a expressão, o gesto a vontade de mudar de todos. Destacamos um momento de reflexão entre professores e pesquisadores que enaltece nossa investigação:

Aproveitamos o momento para fazer uma reflexão avaliativa do ano e acreditamos termos atingido nossos objetivos. Mais do que criarmos um jornal, ou mesmo, de tematizar conteúdos no âmbito dos esportes, os alunos – principalmente do Grupo *Matrix* – descobriram o sentido da autonomia, descobriram o papel da mídia, descobriram que podem ser construtores e não só receptores da mídia. Esta reflexão nos deixou contentes, pois, quando iniciamos o processo não imaginávamos que provocaríamos tanto a percepção dos alunos no tocante à mídia e a sociedade de modo geral. Para além dos conteúdos, estamos formando sujeitos – com responsabilidade – para viver em nossa sociedade de modo que possam ser críticos e atuantes. (DC em 10/01/2013)



Estamos convictos de que o papel político que a educação possui é incomensurável, mas, é preciso ter consciência para o seu exercício pleno numa perspectiva transformadora. Por isso, que a reflexão crítica exercitada durante a nossa imersão no campo promoveu mudanças significativas entre todos nós (pesquisadores/professores/alunos), pois, aprendemos e promovemos o aprendizado para a autonomia, para a dialogicidade, para a conscientização enquanto princípios ineroráveis de uma educação em que o objetivo maior foi/é a emancipação.

REFERÊNCIAS

- ADORNO. T.W. e HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- BETTI, Mauro. **A Janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas: Papyrus, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BRACHT, Valter. **Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução**, UFES: Vitória 1997.
- CARVALHO, Vlademir de Souza. **Santas Almas de Itabaiana Grande**. Itabaiana, SE: Edições o Serrano, 1973.
- ENGEL, Guido Irineu. Pesquisa-ação. Curitiba: Editora da UFPR. **Revista Educar**, nº 16, p. 181-191, 2000.
- FANTIN, M. **Mídia-educação: conceitos, experiências e diálogos Brasil-Itália**. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- _____. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1981.
- _____. **Extensão ou comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011a.
- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p. 13-41.
- LEIRO, Augusto Cesar Rios. **Educação e mídia esportiva: representações sociais das juventudes**. 290f. Tese (Doutorado em) - Faculdade de educação, Universidade de Federal da Bahia, Salvador: UFBA, 2004.
- MACEDO, Roberto Sidnei. **Compreender/mediar a formação: o fundante da educação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2010.
- _____. **Atos de currículo formação em ato? - Para compreender, entretecer e problematizar currículo e formação**. Ilhéus: Editus, 2011.
- MÉLLO, R.P. et al. Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa em psicologia social. Belo Horizonte - MG. **Psicologia & Sociedade**. Vol. 19, Nº 3. Dezembro 2007. p. 26-32.
- MINAYO, Maria C. S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2007.



NÓVOA, António. Prefácio. In: JOSSO, Marie-Christine. Experiências de vida e formação. São Paulo: Cortez, 2004.

PAIS, Machado José. **Culturas juvenis**. Coleção Análise Social. Imprensa Nacional. Casa da Moeda. Portugal, 2003.

_____. **Sociologia da vida quotidiana**: teorias, métodos e estudos de caso. Imprensa de Ciências Sociais: Portugal, 2002.

RIVOLTELLA, Pier Cesare. **Retrospectivas e tendências da pesquisa em mídia-educação no contexto internacional**. In: FANTIN, Mônica e RIVOLTELLA, Pier Cesare. Cultura digital e escola: pesquisa e formação de professores. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

SANTOS, Edméa Oliveira dos. **Educação online**: cibercultura e pesquisa-formação na prática docente. 2005. 300f. Tese (Doutorado em) – Faculdade de educação, Universidade de Federal da Bahia, Salvador: UFBA, 2005.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, Ana Lúcia. **Entre as armas da fome e as arma de fogo**. In: A outra face da moeda. Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Salvador. 2000.

SOUZA, Daniel Minuzzi de. et al. Construindo diálogos em mídia-educação e educação física: algumas reflexões a partir de estudos do observatório da mídia esportiva/UFSC. **Revista Conhecimento Online**, ano I, v. 1, set., 2009.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.